

dialogue NO TRIBUNAL DA HISTÓRIA

por ANTÓNIO SÉRGIO

O Juiz. A ré confessá então que matou o Lucro?

A Abundância. Sim, senhor Juiz; mas foi um assassinio involuntário. Aliás, se o houvesse feito por vontade, teria sido em legítima defesa. A minha mamã lho poderá explicar.

O Juiz. Mas quem é então a sua mamã?

A Abundância. A minha mamã chama-se a Técnica.

O Juiz. Está presente a Técnica?

A Técnica. Sou eu, senhor Juiz. A Técnica-científica. Uma criada para o servir.

O Juiz. Sabe então como se passou o caso?

A Técnica. O Lucro, senhor Juiz, dizia que a minha filha — a Abundância — o não deixava viver em paz. Eles tinham loja ao pé um do outro...

O Juiz. E depois?

A Técnica. A minha filha, a Abundância, tinha cada vez mais coisas na sua loja. O Lucro enfurecia-se por isso, e pagava a uns poucos de malandrinis para irém destruir o que na loja havia.

O Juiz. E a sua filha, que fazia ela?

A Técnica. A minha filha resignava-se, coitadita; mas quem se enfurecia com a história era o menino.

O Juiz. O menino? Que menino?

A Técnica. O filho dêles, meu rico senhor.

O Juiz. O filho? Um filho do Lucro e da Abundância?

A Técnica. Sim, senhor Juiz. Essa desavergonhada ligara-se com o Lucro, e tinham tido um filho.

O Juiz. E quem é êle?

A Técnica. É um menino que aparece por tôda a parte, e a quem puseram a alcunha de «Desemprêgo».

O Juiz. O Desemprêgo? Então o Desemprêgo é filho do Lucro e da Abundância?

A Técnica. É, senhor Juiz. Veja Vossa Senhoria que loucura! A Abundância ligada com o Lucro, que é o filho da Penúria! ¿Pois não era absurdo? .. ¿Vês, desgraçada, o que tu fizeste?

O Juiz. Dizia a senhora que o Desemprêgo...

A Técnica. A Política fez tudo para o matar. Mas é impossível. O «Desemprêgo» é o meu neto, e há de viver tanto como eu própria, que sou imortal. Graças a mim, a Água-corrente, o Carvão e o Petróleo vieram substituir o braço do Homem, e o meu querido neto dizia a todos: «ide em paz, homens de Deus: comereis o vosso pão pelo trabalho das vossas máquinas». Mas não o perceberam ainda, senhor Juiz, e o pobre do menino andava furioso porque o tratavam por uma alcunha... Foi o Lucro que lhe pôs a alcunha, sabe o senhor?

O Juiz. E qual é então o verdadeiro nome?

A Técnica. O verdadeiro nome é o Tempo-livre. Ah, meu querido neto! Foi para ter êste neto que eu criei a Abundância, minha filha! Eu queria mandá-lo para a escola pública, para os jardins da Ciência, do Despôrto, da Beleza, da Fraternidade, — para a Perfeita-Alegria, para a Grã-Ventura! Mas o demónio do Lucro é que não deixava, e por isso a Política quis matar o menino. Matar o meu neto! Haviam primeiro de me matar a mim! O Lucro pretendeu que eu vivesse para êle... Eu, viver para o Lucro! Vivo para a minha filha e para o meu neto.

O Juiz. Bem. Mas visto que a Abundância matou o Lucro...

A Técnica. Mas todos se empenham em ressuscitar êsse morto, e anda-nos por aí o espectro dêle, a acender a discórdia por tôda a parte! O pior dos espectros, o maioral de todos!... Mas que é isto, Deus meu? Que sucede?

Ouvê-se grande barulho fora. Irrompe pela porta da sala um menino desfigurado, e atrás dêle uma turba de perseguidores. A Técnica, aflita, lança-se ao encontro do recém-vindo, e abraça-se a êle.

A Técnica. Meu querido neto, meu querido neto! Como êsses malditos te transfiguraram!

PANORAMA LITERARIO

Em cuidada edição «PRESENÇA», com um desenho alegórico de Júlio, na capa, apareceu agora mais um livro de poemas de Adolfo Casais Monteiro: *Sempre e sem fim*.

De uma rápida leitura pudemos verificar que o poeta firma vigorosamente a sua personalidade. Deixando a incompreensão acentuada que se verifica em «Confusão» e «Poemas do Tempo Incerto», a sua poesia adquire riqueza de objectivação e humanidade.

Com belo aspecto gráfico, safu há dias do prélo um livro de poemas, de Fernando Augusto: *CRISTAIS PARTIDOS*, no qual o autor patenteia uma sensibilidade delicada e cheia de promettimentos.

A esta estreia — que duma estreia se trata — fará em breve o nosso crítico a devida apreciação.

— Quis Fernando Augusto ter um simpático gesto para com «Sol Nascente», oferecendo-nos alguns exemplares do seu livro para serem vendidos em benefício dêste jornal.

Por êste facto pode qualquer pessoa dirigir-nos os seus pedidos acompanhados de 5\$00 (preço de cada exemplar), acrescidos da importância de porte do correio.

A. de C. S.

«Sol Nascente» e a Imprensa

A *Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, transcreveu da nossa revista o comentário «O super-homem», fazendo-o acompanhar de algumas considerações.

Também o semanário pedagógico *A Educação Nacional* transcreveu parte no nosso «Fundamento», fazendo alguns reparos em volta do artigo de Luiz de Sanjusto, «A Ressurreição dos Deuses Gregos».

Agradecemos.

Teve «Sol Nascente», por parte do público e da imprensa um muito animador acolhimento.

Aos amigos que se nos dirigiram, numa prova de confiança, alentando-nos para o trabalho a prosseguir, dando-nos conselhos e sugestões, apresentamos os nossos agradecimentos.

